***FAZERESSABERES* NOS *ESPAÇOSTEMPOS* DOS CURRÍCULOS: PENSAR FAVELA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rosane de A. C. Siqueira (UERJ/PROPED)

O presente trabalho, realizado em uma Unidade Municipal de Educação Infantil, no município de Niterói, entrelaça questões referentes as relações étnico-raciais e *fazeressaberes* docentes, e busca questionar se as conversas, podem produzir, ou não, outras formas de se *fazerpensar* currículos. A escolha foi motivada a partir de uma conversa com um grupo de crianças, ao sermos instigados pela fala de uma delas: “Você é uma favelada!”. Utilizando a escrevivência como método e, em consonância com o pensamento decolonial, entrelaçamos a fala gerada no momento de conflito às concepções e conceitos que historicamente chamamos de favela. Dessa forma, trazemos as reflexões das conversas entre as crianças e professora, as visões que têm do outro, de si e dos diferentes modos de *serestar*. Pontuamos, portanto, aspectos que envolvem *fazeressaberes*,que circulam nos *espaçostempos* dos currículos, e a reflexão constante sobre as *políticaspráticas* nos cotidianos das escolas.

Palavras-chave: Fazeressaberes. Currículos. Conversas. Cotidianos.

*Nas favelas do futuro as crianças brincam na rua, sem sequer ser atingida por uma bala perdida.*

*As mães ficam tranquilas, pois sabem que seus filhos chegarão em casa com vida.*

*Os jovens estudam nas escolas públicas com os melhores ensinos de qualidade.*

*Emprego de carteira assinada, com todos seus direitos para não precisar passar necessidade.*

*Polícia naquela favela nem existe mais, por conta da criminalidade que acabou há tempos.*

*Desigualdade ali não se encontra, todos detêm seu lugar na sociedade que tanto lhe foi negado.*

*Pretos andando com o carro do ano, a roupa da moda, sem olhares estranhos e pensamentos preconceituosos.*

*Nessa favela se deu a criação por tantas lutas contra um sistema de opressão.*

Hilton Nogueira – As favelas do futuro[[1]](#footnote-1)

É partilhando o poema de Hilton Nogueira, poeta marginal, baiano de Ilhéus, que abrimos as portas para esta escrita cotidiana. Esse poema feito para o especial “Novos Autores Pela Diversidade”, nos apresenta um sonho que pode inspirar mudanças, motivando-nos a pensar que coletivamente outras formas de se *pensarfazer* favela podem acontecer, porém, esse poema não esconde em suas linhas a dor de um menino negro, que vive a realidade de um homem preto, e que expira sonhos que só alguém que caminhou por vielas pode sonhar.

O texto aqui partilhado é um fragmento de uma pesquisa maior, ainda em andamento, e que se propõe a refletir currículos e relações étnico-raciais. Decidimos explorar esse tema com crianças de cinco a seis anos, de uma Unidade Municipal de Educação Infantil, ao sermos instigados pela fala de uma delas: “Você é uma favelada!”. Tendo como proposta teórico-metodológica as pesquisas para com os cotidianos, apropriamo-nos do conceito de escrevivência, cunhado pela autora Conceição Evaristo, como método “corpo-voz” (Evaristo, 2020, p. 30) para pensarmos: quais *fazeressaberes* são motivados quando conversamos sobre o tema favela com crianças da Educação Infantil?

Nesse caminho reflexivo, afinados com as pesquisas do grupo “Diálogos Universidades-Escolas: Processos de Formação Docente e Produção dos Currículos nos Cotidianos, concebemos as conversas como metodologia possível para discutir questões contra hegemônicas. O trabalho entrelaça questões referentes a narrativas e saberes docentes, e busca dialogar acerca do papel das conversas nos *espaçostempos* da Educação Infantil. Dessa forma, trazemos neste trabalho as falas das crianças e as percepções que elas têm em relação ao outro, de si e dos diferentes espaços nos quais estão inseridas.

**Uma conversa decolonial**

Em consonância como estudos que tratam do projeto decolonial, ou giro decolonial, trazemos para nossos estudos o pensar com uma pedagogia decolonial (Walsh, 2013) e com as escrevivências. Destacamos que essa escolha se apresenta para nós como um exercício do olhar, de questionar as estruturas de poder, os conhecimentos e os valores que foram estabelecidos durante a colonização, tendo como de partida a história de vida do praticantes (Certeau, 2014) e sua relação com os *espaçostempos*.

Em nossa pesquisa, pensar uma pedagogia decolonial envolve a reflexão crítica do conhecimento produzido, transmitido e avaliado. Ao propormos pensar escrevivências como tática (Certeau, 2014) para se pensar favela, almejamos “dar corporeidade as vivências escritas na oralidade” (Fonseca, p. 21 *in* Duarte; Cortês; Pereira, 2023 ). Concebemos que esta reflexão, de *pensarfazer* cotidianos, esbarra com *velhosnovos* costumes hierarquizantes e homogeneizantes, que ainda se desenham nos currículos. Um movimento reflexivo que nos fez avançar na compreensão de que, desde cedo, quando crianças e jovens se encontram em espaços mais dialógicos, estas compartilham vivências e experiências tão singulares de *versentir* em uma relação eu-mundo. Acompanhemos os relatos a seguir.

A professora entra em sala de aula e se depara com a seguinte situação:

**Menina 1:** Você é uma favelada!

**Menina 2:** Quem você está chamando de favelada?

**Menina 1:** Você. Vê se não implica mais com meu irmão, sua favelada.

A professora intervém:

**Professora:** Quem você está chamando de favelada?

**Menina 1:** Ela. Ninguém mandou ela implicar com o meu irmão.

A professa intervém mais uma vez:

**Professora:** Calma, vamos conversar. Já entendi que ela implicou com seu irmão, mas por que ela é favelada?

**Menina 1:** Ela é favelada porque fica fazendo barraco com os outros, falando alto, sacudindo o ombro.

**Professora:** Então, uma pessoa favela é que faz barraco?

Os outros alunos começam a intervir, falando quase ao mesmo tempo:

**Crianças:** Não, tia, favelado é quem mora na favela./Favelado é lugar de vagabundo./ Favela tem tiro, tem funk./Tem macumba.

Mais uma vez a professora intervém:

**Professora:** Bom, acho que precisamos conversar mais sobre a favela.

A conversa que começou a partir de um conflito, nos conduziu a percepção de como a escuta atenta pode gerar novas formas de se pensar as práticas. No relato acima, a professora encaminhou a conversa para pensar o universo da favela a partir de seu espaço físico, relacionando-o aos diferentes lugares onde morar, e organizou trabalhos que possibilitaram novas conversas de forma dialógica e estética. A ação da professora de dividir no refeitório da escola o trabalho realizado, com diferentes casas coloridas produzidas pelas crianças, unido as falas captadas, gerou novas conversas não só com as outras crianças, mas com funcionários que moravam na favela. Uns se sentiram escandalizados por verem os relatos das crianças, outros se emocionaram e viram a própria vida representada naquelas falas e imagens.

No caminho do desenvolvimento do projeto, a professora se vê diante de outro momento de conversa:

– Tia, macumba é palavrão?

A professora questiona:

**Professora**: Por que você está me perguntando isso?

Antes que a colega pudesse responder, outra intervém:

– Macumba é palavra de quem fuma cigarro.

A professora pergunta:

**Professora**: Mas só porque fuma cigarro é palavrão?

– É, sim, tia, é porque Deus não gosta.

**Professora**: Mas quem disse que Deus não gosta?

– Foi meu tio. Ele disse que Deus não gosta de macumba.

**Professora**: Mas você conhece alguém que está na macumba?

– Sim, minha mãe. E ela fuma.

**Professora**: Mas você acha errado ela estar na macumba?

– Sim, porque Deus não gosta disso.

Enquanto para a primeira conversa a professora produziu todo um trabalho para *fazerpensar* o tema com as crianças. Na conversa acima, a professora sentiu-se insegura em realizar outras produções, relatando a sua dúvida e desconhecimento de como trabalhar sobre o tema. *“Como abordo isso, sem ir contra aquilo em que acredito? Como trabalhar isso em sala de aula sem ofender as outras religiões?* E decide: “*Acho melhor não levar isso adiante.”*

A resposta da professora às conversas, abre novas reflexões. Ao ouvir os questionamentos e as concepções das meninas a respeito da religião de matriz africana, a professora começou a pensar como trabalhar isso em sua prática, como trabalhar esse saber. Diante do desconhecido, a professora tem uma resposta *políticoprática* de não trabalhar o tema. Dessa forma pudemos ver que trabalhar, ou não, algo que surja em uma conversa significa fazer escolhas, e pensar quais *fazeressaberes*  que devem estar ou não dentro de uma proposta. Esse movimento não neutro, é um movimento *politicoprático* que nos indica que todos os dias professoras fazem escolhas e que estas escolhas afetam o seu fazer pedagógico.

**A conversa continua...**

Ao longo desse texto, exploramos como as conversas podem possibilitar formas outras de refletirmos sobre histórias de vida, decolonialidade, *fazeressaberes* docentes e currículos. Quando nos predispomos a abrir-se a espaços dialógicos percebemos que o valor de uma conversa pode nos levar para onde não havíamos previsto. As reflexões que compartilhamos são apenas pistas para pensarmos lógicas mais horizontalizadas de *aprenderensinar.*

Diante disso, percebemos que as conversas, quando realizadas com temas que nascem dos *espaçostempos* cotidianos, como foi o caso do tema favela, nos conduzem a pensar como a escuta ativa, pautada pelo respeito a diversidade, promoção da empatia e respeito mutuo possibilitam trocas e experiências, refletem conflitos, geram expectativas enriquecendo o processo de *ensinoaprendizagem*, um processo mais democrático, colaborativo e que venha a promover uma cultura para a paz, contra ações demeritórias que se apresentam nos cotidianos.

**Referências**

ALVES, Nilda; MANHÃES, Luiz Carlos; OLIVEIRA, Inês Barbosa de et al. **Criar currículo no cotidiano.** São Paulo, Editora Cortez, 2011.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2014.

DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane e PEREIRA, Maria do Rosario Alves.(orgs) **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro, Malê editora, 2023.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_; NUNES, Isabella. (org). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro, editora Mina, 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

RIBEIRO, Tiago; RODRIGUES, Allan, GONÇALVES, Rafael Marques (orgs.) **Cotidianos e formação docente: conversas, currículos e experiências com a escola.** Rio de Janeiro, Ayvu, 2019.

SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: Questões metodológicas, políticas e epistemológicas.** Curitiba, Editora CRV, 2019.

WALSH, Catherine (Ed). **Pedagogias decoloniales: prácticas insurgents de resistir, (re) existir y (re) vivir.** Tomo I.Quito,Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

1. Disponível em [www.tomaaiumpoema.com.br](http://www.tomaaiumpoema.com.br). Acesso em: 4 maio 2024. [↑](#footnote-ref-1)